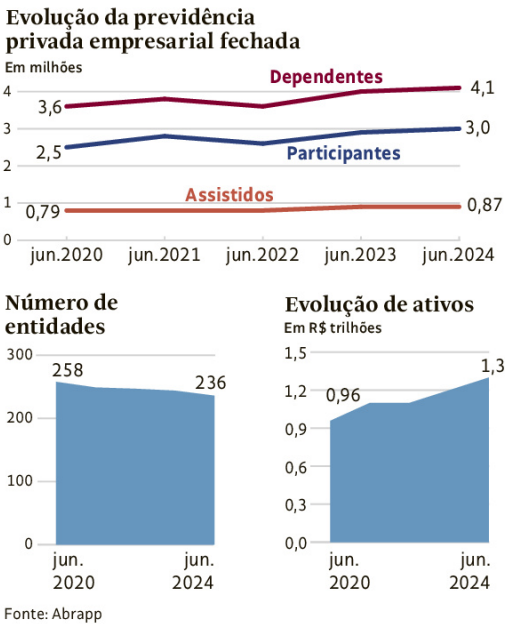
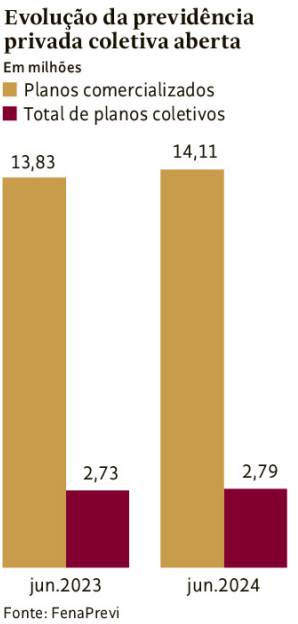


Investimentos em previdência privada



# Trabalhador investe mais em previdência corporativa, mas setor tem espaço para crescer

Planos de investimentos estão entre os benefícios valorizados por profissionais; há regras para garantir o valor depositado pela empresa

Matheus dos Santos

SÃO PAULO Planos de previdência privada corporativos têm crescido com o mercado de trabalho aquecido, mas há espaço para ampliar a expansão, dizem especialistas e lideranças do setor. Cada empresa tem suas regras. Em caso de demissão, o profissional poderá resgatar ou movimentar o dinheiro que depositou, mas há restrições para ter acesso ao valor aplicado pela firma. O trabalhador pode ter direito a 50% das contribuições da empresa se sair em dois anos, por exemplo. Após quatro anos, ele ganharia 100%. “Em média, períodos de carência variam de dois a três anos”, diz Carlos Eduardo Gondim, diretor estatutário da Fenaprevi (Federação Nacional de Previdência e Vida). Há casos em que há uma idade mínima para o trabalhador ter direito a sacar os valores pagos pelo empregador, para que o investimento funcione como uma renda extra para a aposentadoria. Segundo Mauro Guadagnoli, superintendente comercial da Brasilprev, a legislação é flexível e cada empresa pode desenhar um plano de previdência personalizado para seus funcionários. Entre 2020 e 2024, o total de ativos de previdências empresariais fechadas subiu de R\$ 958 bilhões para R\$ 1,3 trilhão, segundo dados da Abrapp (Associação Brasileira das Entidades Fechadas de Previdência Complementar). O número de participantes foi de 2,4 milhões para 3 milhões. Em relação às previdências pri-

vadas abertas na modalidade coletiva (planos contratados por pessoas jurídicas em favor de pessoas físicas, como empregados ou dirigentes), dados da Fenaprevi mostram que, de 2023 para 2024, os planos coletivos passaram de 2,7 milhões para 2,8 milhões. Planos corporativos de previdência privada são o terceiro benefício mais importante na visão de profissionais ouvidos em levantamento da consultoria de recrutamento Robert Half, atrás de bônus e flexibilidade. Segundo Felipe Bruno, vice-presidente comercial da Prevtch Onze, o aumento da atividade formal tem embalado as previdências privadas. Para Gondim, a crise da Previdência pública também contribuiu para o cenário. “As pessoas estão vivendo mais e sabem que é desafiador depender da Previdência oficial. O benefício melhora o bem-estar dos funcionários e ajuda as empresas a mantê-los.” Os planos de previdência privada oferecem vantagens econômicas e fiscais, dizem especialistas. “Se o trabalhador colocar 3% ou 4% do salário e a empresa complementar com o mesmo valor, é uma rentabilidade excelente”, diz Bruno, da Onze. Seja nas previdências privadas fechadas ou abertas, a tributação do benefício segue as tabelas progressiva e regressiva. A primeira é a mesma aplicada nos salários, com alíquotas de até 27,5%. A segunda tem índices de 35% a 10%, que diminuem com o tempo. Rodrigo Salvador, planejador financeiro pela Planejar, diz que

a previdência corporativa é uma ótima opção, mas não para todos. “Se o profissional tiver um salário alto, e a empresa, um teto de colaboração previdenciário baixo, pode não ser vantajoso. É preciso fazer conta.” Os planos abertos de previdência privada são vendidos por bancos, seguradoras e startups e podem ser comprados por qualquer pessoa, como Brasilprev, Bradesco Vida e Previdência e Itaú Vida e Previdência. Já os fechados, chamados de fundos de pensão, são criados por empresas ou outras entidades para atender seus funcionários ou associados. São os casos de Previ (do Banco do Brasil), Funcef (da Caixa Econômica Federal) e Petros (Petrobras). Para investir na previdência privada aberta, é preciso escolher entre o PGBL (Plano Gerador de Benefício Livre), que pode gerar dedução de até 12% no Imposto de Renda, e o VGBL (Vida Gerador de Benefício Livre), mais indicado a quem declara pelo modelo simplificado. No caso dos fundos de pensão, o profissional tem a opção entre Benefício Definido (BD), Contribuição Definida (CD) e Contribuição Variável (CV). O primeiro define o valor do benefício complementar a ser recebido no momento da contratação. Na modalidade CD, o benefício só será definido quando começar a ser pago, dependendo do saldo acumulado. Já o formato CV, também chamado de misto, mescla características das duas, e o funcionário define a contribuição mensal.

## Embraer voa alto, com gasolina do BNDES

Ações da gigante nacional sobem mais de 100% neste ano

Marcos de Vasconcellos

Jornalista, assessor de investimentos e fundador do Monitor do Mercado

Mais feliz que acionista da Embraer em 2024. Essa deveria se tornar uma expressão no dicionário dos investidores daqui para frente. As ações da gigante nacional (EMBR3) já voaram (com o inevitável trocadilho) mais de 100% neste ano. E o governo decidiu colocar mais gasolina no avião, no qual também pega carona. Quando digo o governo, me refiro ao BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social), que, pelo seu braço de participações, o BNDESpar, tem 5,37% das ações da Embraer. Só neste ano, com a alta de 118%, essa fatia da empresa já se valorizou mais de R\$ 900 milhões. Enquanto lucra de um lado, com sua carteira de investimentos, o BNDES tira de outro bolso, emprestando a juros baixos, para alavancar ainda mais o voo da Embraer. Na última semana, R\$ 500 milhões em empréstimos foram contratados pela Eve Air Mobility, controlada da Embraer, para desenvolvimento de sua fábrica de “carros voadores”. No meio do ano, o banco estatal concluiu o contrato de financiamento da Embraer para exportação de 32 jatos comerciais para a American Airlines. Operação da ordem de R\$ 4,5 bilhões. Isso sem contar outros R\$ 500 milhões de empréstimo com carência de 48 meses para a empresa aplicar em inovação, liberados neste ano. Esmiuçando as tabelas do BNDES, dá para ver que ele não fornecia esse tipo de verba para a Embraer desde 2013. Convenhamos que é mais fácil decidir a favor de quem está no topo do que correr riscos apoiando uma empresa que pode dar calote. E as projeções da Embraer para o ano são bastante positivas. Se, no ano passado, a receita líquida consolidada foi de R\$ 26,1 bilhões, para este ano, a previsão é de ficar entre R\$ 34 bilhões e R\$ 36 bilhões. O exagero no otimismo é sempre problemático no mercado. Gera ondas de compras e futuros descontentes. Contra ele, números e comparações são bons remédios. E o caso da Embraer impressiona também por estar com indicadores considerados bastante saudáveis, mesmo depois de tanta valorização de suas ações. O indicador EV/Ebitda (valor da empresa em relação à geração de caixa), por exemplo, aponta quantos anos seriam necessários para que o lucro operacional quite o valor total da empresa. Para a Embraer, pela cotação atual das ações, seriam necessários dez anos. Para seus pares Boeing, seriam 6,4 anos e para a Airbus, 11, segundo o BTG Pactual. O banco, aliás, recomenda a compra das ações EMBR3, apontando que elas podem chegar ainda a R\$ 55. Atualmente, estão na casa dos R\$ 48. O bom momento está deixando a companhia sonhar. Seu CEO, Francisco Gomes Neto, disse que estuda produzir um novo jato para concorrer com o famoso 737 da Boeing. Se o dinheiro continuar chegando com a facilidade atual e os indicadores seguirem saudáveis, o plano pode dar ainda mais propulsão ao já impressionante voo. Os indicadores de turbulência, nesse caso, são a dependência de poucos clientes-chave e da boa vontade do dinheiro público.